

# humanitas

**Vol. XXIX-XXX**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA  
MCMLXXVII-MCMLXXVIII

merecia um balanço final que sintetizasse e sistematizasse as variadíssimas questões abordadas durante a extensa exposição, em determinados pontos até desnecessariamente demasiado alongada. Esse excesso é em especial manifesto no capítulo «La stabilizzazione della realtà e i segni di confine» (pp. 25-93), em que faz um longo exame comparativo dos marcos de limite em outras culturas: povos da Mesopotâmia e do Egipto, Gregos, Judeus, Chineses dos tempos arcaicos, indígenas da Austrália, habitantes das ilhas Trobriand, etc. Piccaluga, no entanto, utiliza de modo geral com moderação o bom domínio que possui da mitologia comparada.

Trata-se de dois livros sérios e bem documentados. A terminar cada um deles, três índices (geográfico, onomástico e ideográfico) possibilitam uma rápida consulta dos assuntos e evidenciam a riqueza dos temas tratados. Estranha-se, contudo, que pelo menos e segundo não apresente uma bibliografia.

J. RIBEIRO FERREIRA

**Due seminari romani di Eduard Fraenkel. «Aiace» e «Filottete» di Sofocle, a cura di alcuni partecipanti. Premessa di L.E. Rossi.**  
Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1977. Pp. XXXIV + 82.

Quando um grande mestre, como E. Fraenkel, rege dois seminários sobre tragédia grega, devemos saudar com reconhecimento a iniciativa, tomada por um grupo de participantes, de recolher e publicar os elementos mais perduráveis do seu ensinamento. A redacção, feita em épocas diferentes, pode explicar uma certa disparidade no tratamento escrito dos comentários sobre uma e outra tragédia: os do *Filottetes* foram redigidos em 1968/1969, portanto poucos meses depois do seminário (13-31 de Maio de 1968) e já haviam sido publicados numa edição privada (mas não revista pelo autor) em 1969, antes da morte de Fraenkel (5.2.1970); os do *Ajax* foram elaborados em 1970, bastante tempo depois do seminário e já após a morte de Fraenkel. Tal facto acarretou algumas dificuldades e pode ter implicado o aparecimento de infidelidades involuntárias. Os redactores estão conscientes disso e admitem a possibilidade de não terem apreendido perfeitamente o pensamento de Fraenkel ou de o tempo ter dissolvido muitas das recordações pessoais, esbatendo deste modo a vivacidade da discussão (cf. p. XII). Embora duvidem que Fraenkel alguma vez autorizasse a publicação do volume, fazem-no por um acto de *pietas* à memória do mestre. Só temos de lhes ficar gratos por tal iniciativa, pois desse modo colocam ao nosso dispor, sobre diversas questões relacionadas com essas duas tragédias, uma opinião autorizada que é sempre bom conhecer e deve ser meditada, mesmo que não venha a obter a nossa concordância. Lamentamos, aliás, que a morte não tivesse permitido a Fraenkel escrever o livro sobre Sófocles que projectava (cf. p. XII e *ad Ai.* 512, p. 15). A «Premessa», da autoria de L. E. Rossi, revela-nos muito sobre a personalidade tão profundamente afectiva de Fraenkel, sobre o seu método de ensino e as relações com os alunos.

No que respeita propriamente ao conteúdo dos seminários (comentário de vários passos das duas tragédias), encontramos anotações de muito interesse, finura e profundidade: observações sobre a tragédia em geral, em especial as respeitantes à aparente e alegada frieza que nela possa observar-se (*Ai.* 265 sqq., p. 9; 900 sqq., p. 31), sobre a importância da retórica e do racionalismo no século v e sua consequente presença na tragédia (*Ai.* 666 sqq., pp. 21 e 25; *Phil.* 927, p. 65; 1009, p. 71); penetrantes observações sobre estilo, como a dos vv. 239-241 do *Phil.* (p. 49), em que foca a adaptação da fala de Neoptólemo ao seu estado psicológico, e sobretudo as respeitantes ao uso da linguagem coloquial ou vulgar como meio de caracterizar uma personagem (*Ai.* 1138, 1140 e 1142-1158, pp. 35-36) ou de realçar um estado emocional (*Ai.* 791, pp. 27-28; *Phil.* 327, p. 52; 645 sq., p. 61; 978, pp. 69-70); a discussão sagaz sobre interpolações (e.g. *Ai.* 84 sq., p. 5; 314, p. 11; 327, p. 12; 430 sqq., p. 13; 554b, p. 16; 571, p. 17; 812, p. 28; 839-842, p. 29; 854-858, p. 30; 1111-1117, p. 33; *Phil.* 49, p. 44; 53, p. 45; 668 sqq., pp. 62-63; 1442-1444, p. 76), onde em muitos casos segue Nauck e se manifesta adepto do cepticismo do mestre (*ad Phil.* 236, p. 49). Só assim se compreende que vá ao ponto de considerar interpolados os vv. 134 (pp. 46-48), 386-388 (pp. 53-55), 936 sqq. (pp. 66-67), embora aceite os argumentos dos alunos que contrariam a sua opinião e conclua a discussão dos vv. 386-388 com um «devo ripensarci». O mesmo se diga também de *Phil.* 648 (pp. 61-62), onde igual atitude de hesitação é evidente.

Não faltam ainda conselhos úteis sobre método de crítica textual (*ad Ai.* 573, pp. 17-18) e as referências vivas e sentidas a estudiosos de Sófocles, com relevo especial para os seus mestres Nauck e Wilamowitz (*Ai.* 32 sq., p. 4; 314, p. 11; *Phil.* 22, p. 44; 49, pp. 44-45; 414, p. 56; 469, p. 58; 1407, p. 76).

Dois índices, cuidadosamente elaborados, facilitam a consulta do volume.

J. RIBEIRO FERREIRA

**AIRES AUGUSTO NASCIMENTO, Livro de Arautos, De Ministerio Armorum, Estudo codicológico, histórico, literário, linguístico, texto crítico e tradução, Lisboa, 1977, pp. 350.**

O título *Livro de Arautos* é uma adaptação portuguesa ao conteúdo do manuscrito latino 28 da John Rylands Library, de Manchester, que se apresenta sem nome de autor e sem qualquer título inicial. Todavia, o encadernador, certamente a pedido de um possuidor, gravou-lhe na lombada *De Ministerio Armorum*. Devemos concordar que, lendo atentamente o texto, nós só vemos, de facto, dois títulos ajustados: *De insigniis et armis* (2a, linha 6) ou *De ministerio armorum* (2a, 16 e 9b, 14-15).

A investigação levada a cabo por A. A. Nascimento na *Introdução* (pp. 3-133) conclui que o tratado foi escrito em Portugal no princípio de 1416; aqui os seus cadernos foram deslocados; e no final do séc. xv um copista bastante desleixado fez esta cópia em Espanha, em escrita gótica librária. No séc. xvi esteve em Espanha